

FÓRUM SEGUROS

Seguros têm o desafio de mitigar impactos na matéria segurável

Os maiores riscos imediatos estão no aumento dos custos da energia, dos produtos alimentares e das matérias-primas industriais, mas a prazo o grande problema será a longevidade. O objetivo dos seguradores é saber mitigar riscos.

Quais os maiores desafios para os seguros perante os atuais risco geopolíticos, as alterações climáticas e o envelhecimento da população?



SÉRGIO CARVALHO
Diretor de Marketing
e Clientes Da Fidelidade

Nas últimas três décadas as perdas de bens resultantes de eventos climáticos extremos mais do que duplicaram e há assim duas mudanças que urgem: mitigar os riscos, mas sobretudo reduzir drasticamente as emissões de carbono. Se a sustentabilidade social é inerente à atividade seguradora, hoje temos de assumir um compromisso com o planeta enquanto agentes ativos da sustentabilidade ambiental para uma maior longevidade de todos. A par de uma natalidade decrescente, a longevidade implicará de facto muitos desafios. À medida que a idade avançar, as doenças tenderão a aumentar e serão cada vez mais personalizadas, criando incomportáveis exigências económicas para o sistema de saúde e para a atividade seguradora. É essencial atuar já para uma maior promoção da prevenção e adoção de hábitos de vida saudável e, paralelamente, começar a privilegiar o risco e não o consumo imediato, no que respeita aos seguros de saúde, para que no futuro seja possível continuar a proteger. Teremos também de criar soluções paralelas de assistência e cuidados que nos permitam acompanhar uma população que viverá mais anos, mas sujeita a maior vulnerabilidade e dependência e promover a literacia financeira que permita uma acumulação e desacumulação sustentada ao longo da vida. O atual cenário geopolítico, para além de potenciar novos riscos como os cibernéticos, condicionará, de novo, a apetência para a poupar, mas é essencial pensar e preparar o futuro.



AFONSO BARATA
Diretor Geral Adjunto na Mudum –
Companhia de Seguros

Os atuais riscos estão a ter consequências concretas na inflação e instabilidade da economia, mas o papel das seguradoras é prestar soluções e serviços para mitigar os riscos e proteger os clientes. Sobre os riscos geopolíticos, devemos aplicar estritamente o quadro legal de sanções internacionais, e estar atentos aos impactos económicos, sobretudo a curto prazo, bem como às condições dos mercados financeiros. As alterações climáticas são por um lado uma oportunidade de negócio, e por outro um desafio: temos a responsabilidade de desenvolver produtos socialmente sustentáveis e contribuir para a descarbonização. Enquanto empresa responsável, estamos a trabalhar de maneira mais sistemática os temas ESG no desenho das nossas ofertas, quer ao nível da Mudum, quer ao nível do grupo Crédit Agricole. Quanto ao envelhecimento da população, devemos responder a necessidades diferentes das atuais, evoluindo as nossas ofertas, como no caso do seguro de saúde, propondo garantias que correspondem aos riscos (ex: oncologia), ofertas dedicadas a um público sénior e outros serviços úteis, como médicos ao domicílio ou serviços de transporte para o hospital.



ROGÉRIO DIAS
Administrador
da Verspieren Portugal

Riscos geopolíticos: devido ao aumento dos custos sobre os recursos utilizados na maioria dos setores de atividade, como são exemplos a energia, os cereais na indústria alimentar e os materiais de construção, as empresas de seguros têm o desafio de mitigar estes impactos na matéria segurável, nos seus custos de exploração e nos custos com a regularização de sinistros. Alterações climáticas: para além de uma contribuição ativa para a criação do fundo sísmico, o setor segurador tem de reavaliar as soluções de seguro direto e/ou através dos mercados de internacionais que minimizem os riscos de catástrofes e decorrentes de alterações climáticas, garantindo a proteção adequada dos seus clientes. Envelhecimento da população: o setor deverá continuar a contribuir para o aumento da literacia financeira dos portugueses, procurando apresentar as soluções de poupança e de reforma mais adequadas ao perfil de risco dos seus clientes, num momento em que vai estar disponível o Produto Individual de Reforma Pan-Europeu, que é uma nova forma de poupar para a reforma e de colmatar a perda de rendimentos quando a pessoa segura deixar de trabalhar.



NUNO ARRUDA
Head of Sales & Client Management /
Executive Board (Portugal) na WTW

A indústria seguradora deve ser um sustentáculo da economia e da sociedade e como tal procurar encontrar soluções para os “novos riscos” que enfrentamos e enfrentaremos a curto/médio prazo. E os riscos geopolíticos (agora com maior notoriedade em virtude do conflito na Ucrânia) ou as alterações climáticas são apenas exemplos, aos quais podemos adicionar os riscos tecnológicos ou de saúde pública que se caracterizam essencialmente por serem dinâmicos e muitas vezes interdependentes e sistémicos, cujo impacto dificilmente se circunscreve num contexto económico e social global (vide por exemplo o impacto de qualquer um destes riscos, ou vários em conjunto, em cadeias de fornecimento). O grande desafio para a indústria estará em desenhar formas não só de medir/quantificar estes riscos, mas também de desenhar soluções de transferência técnica e financeiramente viáveis, que de facto tragam valor para os todos os stakeholders, garantindo resiliência à economia e retorno ao investimento de capital. Já o envelhecimento da população encerra outro tipo de desafios, pois embora seja relativamente fácil de medir e até existam soluções no mercado para de alguma forma precaver financeiramente essa longevidade (podemos discutir se suficientemente flexíveis e atrativas sob o ponto de vista da rentabilidade) a verdade é que não temos uma cultura de aforro e planeamento financeiro – e infelizmente, dados os salários médios, muitas vezes as famílias não têm a liquidez para o fazer pelo que há também um papel importante a desempenhar pelas empresas no desenho dos seus planos de benefícios. Neste sentido, deve na minha ótica o mercado segurador assumir uma maior responsabilidade na literacia financeira da nossa sociedade, assim como caminhar para uma cada vez maior flexibilidade e transparência nas soluções.



MARISA CORREIA
Diretora atuarial
da Prévoir Portugal

A pandemia nos últimos dois anos e o conflito no Leste Europeu determinam as novas preocupações para os seguradores, pois as companhias de seguro são parte integrante do sistema financeiro internacional. A pandemia condicionou a evolução da nossa atividade e ainda há uma grande incerteza sobre os seus impactos futuros. Há uma clara mudança na perspetiva sobre a saúde, uma maior e mais completa necessidade de proteção por parte das famílias. Surgiu então um novo perfil de cliente, num modelo mais digital, onde as suas necessidades por produtos de seguro são maiores do que nunca. O desafio é antecipar uma resposta adaptada e adequada a esta nova realidade. Em relação ao conflito armado na Ucrânia, os impactos imediatos já se fazem sentir: para além de uma crise humanitária sem precedentes, o agravamento da inflação, o aumento do custo dos combustíveis e a interrupção de fornecimento de serviços e matérias-primas... Todas estas variáveis terão um grande impacto nas mais diversas indústrias, na economia e no equilíbrio financeiro das famílias e consequentemente no setor segurador. O envelhecimento da população reflete-se no aumento das despesas com cuidados de saúde. Como tal, os seguradores deverão conseguir desenvolver produtos inovadores, antecipando as suas necessidades: integração de mais coberturas, como por exemplo o apoio e a assistência domiciliária, a prevenção na saúde mental e a assistência on-line (acompanhamento e consultas). O aumento da esperança média de vida vai implicar uma procura por produtos de capitalização que contribuam para a poupança/reforma como complemento da Segurança Social e haverá também oportunidades nos seguros de saúde e assistência (prestação de serviços), onde existe atualmente uma maior lacuna. As chamadas “doenças do século”, oncológicas e do foro cardiovascular ganham cada vez mais expressão e têm um enorme impacto nos custos com a saúde. No desconfinamento, o recurso ao serviço de saúde privado para consultas e exames

Especial Seguros Mais Inovadores

adiados registou uma maior afluência, o que se traduzirá num ajustamento/agravamento dos prémios. Tendo em conta o envelhecimento da população, o desafio é encontrar produtos financeiramente acessíveis a atrativos nas coberturas garantidas e nos serviços prestados. Há hoje uma maior consciencialização das pessoas para a necessidade de manter um equilíbrio entre a saúde física e mental e na urgência em proteger o seu bem-estar financeiro. Desta forma, deveremos ser capazes de promover a educação e a saúde financeiras, através da oferta de soluções flexíveis e de fácil compreensão na área da poupança e investimento, através de serviços simples, acessíveis e digitais. As alterações climáticas estão a desafiar a indústria e as seguradoras estão a reconhecer a necessidade de gerir os riscos, gerir a sua própria exposição ao risco e encontrar soluções para promover a sua resiliência. As seguradoras que operam no ramo não vida acabam por estar mais expostas aos impactos das alterações climáticas, embora as seguradoras do ramo vida não fiquem imunes a esses mesmos efeitos. Num futuro próximo, estima-se que em consequência das alterações climáticas, haja um exponencial número de mortes anuais. O aumento de doenças tropicais em diversas áreas geográficas irá implicar significativamente o padrão da mortalidade (segundo fonte OMS). As alterações climáticas serão o principal tema de discussão e análise no futuro, uma vez que se prevê um aumento significativo da frequência de eventos extremos: aumento da temperatura média global, aumento e intensidade do calor, subida das águas do mar, fogos florestais e inundações. Em Portugal este tema ainda se encontra numa fase embrionária, na maioria das seguradoras.



CARLOS MARTINS
Diretor Geral
da Sabseg

Situações de enorme incerteza e volatilidade como a que atualmente se regista ao nível geopolítico e climático, implicam um desafio adicional ao nível dos seguros, na medida em que se por um lado as pessoas e as organizações tendem a tentar mitigar a sua exposição ao risco, procurando transferir uma parte substancial dos riscos percecionados para o mercado segurador, a realidade é que os protagonistas deste último, em muitos dos casos, não dispõem do conjunto de elementos e informações suficientes para avaliar devidamente a probabilidade e os níveis de impacto de ocorrências resultantes de dinâmicas cada vez mais complexas e imprevisíveis, ficando as suas respostas, não raras vezes, aquém daquelas que são as pretensões dos clientes. Naquilo que diz respeito ao envelhecimento da população, o mesmo vem proporcionar aos seguros um conjunto de novas

oportunidades, em áreas onde estes, de forma crescente e consistente, têm demonstrado uma enorme capacidade e competência no desenvolvimento de produtos e serviços de proteção, com particular e especial destaque ao nível da Saúde e dos Planos de Pensões.



ANTÓNIO MORNA
Diretor de Placement
da Marsh Portugal

No que respeita aos riscos geopolíticos, destacaria a crescente onda de ataques cibernéticos, muitos deles organizados e utilizados como ferramenta para aumentar a instabilidade geopolítica que temos sentido. Também neste campo, o impacto da inflação será bastante considerável na atividade seguradora e esta será uma pressão acrescida sobre o preço dos seguros, não só pelo aumento dos custos de exploração das próprias Seguradoras, mas, sobretudo, por ter consequências no aumento dos custos com os sinistros, que se tornarão mais onerosos e que se repercutirão no preço final a pagar pelos clientes. Relativamente às alterações climáticas, os seus efeitos têm-se sentido cada vez mais intensamente. Os fenómenos da natureza de grande impacto são cada vez mais frequentes, o que resulta numa maior limitação e rigor na subscrição dos riscos, com menores capacidades para coberturas relacionadas com estes fenómenos, maiores retenções por parte dos clientes e, consequentemente, uma política de preços mais elevados praticada pelas Seguradoras. O desafio está em conseguir encontrar um equilíbrio, que permita continuar a garantir a exposição a estes fenómenos dentro de um nível de preços sustentável para as empresas e particulares. Por fim, no que se refere ao envelhecimento da população, salientaria a necessidade de o mercado segurador conseguir gerir o impacto dessa longevidade, nos custos inerentes à prevenção e tratamentos e na sua oferta de seguros de saúde, bem como a capacidade de manter uma oferta ajustada ao aumento da esperança média de vida e o desafio de se assumir como uma alternativa ao sistema da Segurança Social, no que toca à constituição de reformas.



CARLA SÁ PEREIRA
Partner | Insurance
Consulting Leader na EY



JOÃO RUEFF TAVARES
Senior Manager | Financial Services
Business Consulting na EY

Embora muitos relatórios apontassem a incerteza geopolítica como um dos principais riscos globais, ninguém esperava o início da guerra na Ucrânia. A duração e o desfecho deste conflito irão ditar os seus efeitos, que condicionam também o setor segurador, a par de possíveis sanções, esperando-se impactos ao nível das exposições e coberturas, dos balanços patrimoniais e das apólices. Cenários mais severos, com impactos económicos longos, podem trazer desafios ao nível dos balanços patrimoniais e podemos assistir a uma maior inflação dos sinistros à medida que as cadeias de fornecimento falham, pressionando as provisões e as exigências dos reguladores para uma maior solidez dos balanços face ao cenário de incerteza. A incerteza económica cria vários efeitos, desde a volatilidade do mercado à inflação, já mencionada, a qual é suscetível de atingir as poupanças pessoais e rendimentos disponíveis, impactando assim negativamente a procura de produtos. Também se esperam desafios na solvência resultantes da mudança das taxas de juro e da mudança de capitais próprios. Por outro lado, as alterações climáticas são cada vez mais uma preocupação e desafio para setor segurador, já que o aumento da frequência e severidade de catástrofes naturais conduz a uma maior exposição a perdas elevadas. As alterações têm-se traduzido em períodos de seca extrema decorrentes de temperaturas mais altas e de níveis de precipitação mais irregulares, observando-se também um aumento do número de incêndios e de tempestades e condições climáticas mais extremas. A utilização de modelos de previsão mais robustos, a criação de novos produtos ou a alteração dos existentes e a revisão dos modelos de tarifação de para as coberturas de eventos catastróficos (ou de riscos que possam ser influenciados por alterações climáticas) constitui também um desafio para o setor. Finalmente a longevidade. Nos últimos anos temos assistido a um aumento da esperança de vida da população e a um decréscimo da natalidade, o que tem levado a um envelhecimento significativo da nossa população. Esta circunstância traz desafios adicionais para as seguradoras pelo aumento da exposição ao risco de longevidade, em especial nos seguros de rendas e na modalidade de acidentes de

trabalho que assegura o pagamento de pensões vitalícias. Mas também gera oportunidades de negócio, sendo o da saúde o mais óbvio. O envelhecimento da população tem-se traduzido também no aumento de doenças graves e doenças crónicas, e a problemas de saúde associados ao estilo de vida. Em resposta, o setor tem apostado na incorporação de medicina preventiva nos seus produtos, através do aconselhamento nutricional e exercício físico personalizado, abrindo novas possibilidades de negócio, mas também procurando reduzir a sua exposição a doenças relacionadas com os estilos de vida.



NUNO CASTRO
Head of Insurance
da NTT DATA Portugal

A recente crise pandémica aliada ao conflito que assistimos atualmente entre a Rússia e a Ucrânia tem provocado um aumento global da inflação que, aliado à falta de materiais, se reflete diretamente num incremento dos custos de sinistralidade. O setor terá certamente como desafio equilibrar os seus índices de rentabilidade procurando ao máximo mitigar o risco para evitar a quase inevitável subida dos prémios. Ainda no âmbito do risco geopolítico, destaco como desafio adicional para o sector continuar a desenvolver soluções para prevenir e dar resposta ao crescente aumento dos ataques cibernéticos. As seguradoras detêm uma posição única no debate sobre as alterações climáticas, tendo como principais desafios aumentar a sensibilidade e consciência coletiva para este tema, aumentar o nível de proteção das populações a estes riscos e aperfeiçoar os modelos de valoração do risco através de análises preditivas, melhorando a preparação e a capacidade de mitigar danos. Por último, a diminuição da população ativa levará, se nada for feito, a uma variação abrupta no padrão de consumo das famílias e a uma redução significativa dos seus rendimentos futuros após a idade de reforma. Nesse sentido, o desafio que se coloca é o de fomentar a poupança, por um lado, e, por outro, o de cobrir riscos relacionados com o aumento da sinistralidade da população mais envelhecida, através de seguros de mais adequados para esta faixa etária.



GONÇALO BAPTISTA
Diretor Geral
da Innovarisk

A geopolítica é sempre uma enorme dor de cabeça. Ainda na ressaca de perdas avultadas e inesperadas relacionadas com a Covid, temos agora uma guerra às portas da Europa. Na área dos seguros de riscos políticos, que tem um caráter muito sistémico nas perdas, décadas quase ininterruptas de paz na Europa foram criando o sentimento de que o clima de paz será eterno, e o mercado foi respondendo aumentando a exposição ao fenómeno. Haverá certamente algum impacto nessa área, tal como na aviação ou coberturas episódicas de guerra no Ramo Transportes. Os desafios são nestas alturas estimar perdas (o que nem sempre é fácil por serem muitas vezes coberturas acessórias escondidas) e ajustar o nível de cobertura para proteger o balanço das seguradoras face a eventuais perdas futuras. É de esperar retração no mercado no curto e médio prazo nestas áreas. Nas alterações climáticas os desafios não são novos. É um mercado mais estável e que se move também por ciclos ditados pela mãe natureza e onde as resseguradoras vão reagindo aos humores da mesma. Genericamente existe interesse em disponibilizar mais cobertura desde que as condições de preço sejam boas. Os desafios têm a ver fundamentalmente com a capacidade de alargar a cobertura, reduzindo o protection gap, nomeadamente nos países em desenvolvimento para que haja uma maior diversificação do risco.



LUIS ANULA
CEO
da MAPFRE Portugal

O mundo e as sociedades vivem hoje alterações estruturais significativas, que exigem a adaptação constante de todos nós. As seguradoras, pelo papel fundamental que desempenham nas sociedades contemporâneas, não são exceção e vivem uma constante adaptação. Mas, como especialistas em riscos, podemos identificar riscos em questões ambientais, sociais e de gestão, contribuindo para evitá-los ou mitigá-los e ajudando o cliente a melhorar a própria gestão. Os riscos atuais colocam desafios constantes às seguradoras! Veja-se a guerra na Ucrânia, que está a mexer com a economia e política a nível global. Estes impactos na economia e subsequentemente nos mercados estão já a levar a uma adaptação dos produtos para que o tecido empresarial possa proteger os seus ativos, investimentos e interesses estratégicos face a estas

situações. Já no que diz respeito às alterações climáticas, que originam fenómenos cada vez mais impactantes e imprevisíveis, as seguradoras estão mais expostas aos riscos que outras entidades financeiras, mas também são as que melhor podem mitigar os efeitos negativos e catastróficos que os fenómenos climáticos podem ter sobre a economia e sociedade (devido a décadas de experiência na gestão de riscos extremos). Estes fenómenos estão já a ser tidos em conta em vários quadros regulamentares e diretivas, nomeadamente europeus, que enquadram a atividade seguradora, por exemplo a integração da gestão do risco climático na Solvência II. O envelhecimento da população (especialmente nas sociedades desenvolvidas), está a gerar uma adaptação da nossa oferta para fazer face às necessidades destes clientes, muito ligadas a questões de saúde e bem-estar e ao fomento da poupança para fazer face às dificuldades que os sistemas públicos de pensões já estão a encontrar.



TIAGO CORRÊA
Área de Subscrição,
Diretor da CA Seguros

Os maiores desafios para o sector segurador, derivam do contexto em que vivemos e das ameaças, e oportunidades, que, no presente, e numa perspectiva de curto prazo, se adivinham. Destaco a necessária protecção para os impactos das catástrofes naturais provocadas pelas alterações climáticas generalizadas em todo o mundo, para os danos decorrentes do terrorismo, em particular, do ciberterrorismo, para o envelhecimento da população, consequência do aumento da esperança de vida, para o aparecimento de pandemias, ou doenças que se manifestem de uma forma mais agressiva na população, não esquecendo nunca o tema da prevenção e do combate à fraude, que apresenta uma tendência crescente nos últimos anos. A contextualização de todas estas preocupações, por constituírem, numa perspectiva, ameaças, mas noutra, oportunidades, não pode ser indiferente às tendências da distribuição de seguros, onde a aposta nos canais digitais é cada vez maior, quer do ponto de vista da subscrição de riscos, quer ainda da regularização dos sinistros. Estarmos “à distância de um clique”, exige um esforço de modernização tecnológica por forma a garantir que a percepção de proximidade do nosso Cliente com a sua Seguradora, não se reduza, mas se reforce, sempre num contexto de excelência dos serviços que lhe prestamos. Esta modernização tecnológica, onde os processos do negócio e as suas decisões decorrem em ambiente digital, abre-nos o caminho para a grande aposta na desmaterialização, que nos leva certamente a um futuro mais promissor onde a sustentabilidade e a estabilidade económica e financeira são fundamentais.



NELSON MACHADO
Membro da Comissão Executiva
do Grupo Ageas Portugal

Nos dias que correm, existem uma variedade de riscos aos quais devemos estar atentos. Temos vindo a bater recordes na frequência do número de eventos catastróficos que são registados em todo o mundo. E, na verdade, não há perspetiva de que esta situação melhore. Vamos ter mais inundações, mais tempestades, mais ciclones, mais incêndios. Outro dos principais riscos a longo prazo são, sem dúvida, os geopolíticos. Aliás, estamos neste momento a assistir a uma guerra às portas da Europa, que poderá ter consequências na gestão de risco das empresas e no processo de globalização. Face a estas situações, o nosso papel poderá passar por incentivar as Empresas e Particulares a apostar ainda mais na identificação dos riscos e das suas possíveis consequências, procurando minimizar os seus custos através da prevenção. No que respeita ao envelhecimento da população, este é um fenómeno previsível e irreversível, com uma grande expressão em Portugal, e que é preocupante. O envelhecimento da população acarreta várias consequências: Pressiona a prestação dos cuidados de saúde, os sistemas de apoio social e os sistemas de pensões. Agrava o fenómeno de doenças crónicas e mentais e a necessidade de maior protecção e o desenvolvimento de novos cuidados e terapias. Agrava também situações de isolamento e exclusão já hoje visíveis nas grandes cidades, mas com uma maior expressão nos meios rurais. Além disso, expõe, ainda, o problema das reduzidas taxas de poupança e gera ansiedade quanto à capacidade futura de sustentar o sistema público de pensões, pela redução do equilíbrio entre a população ativa, que financia o sistema, e a população mais idosa. São desafios enormes, que não são novos, mas que infelizmente não estão a merecer da sociedade a atenção devida, nem mesmo o desenvolvimento de estratégias integradas para este tema.



NUNO SOARES
Diretor comercial
da We Seguros

Face as grandes mudanças de paradigma, o setor segurador tem mantido uma enorme capacidade de antecipação em cenários mais adversos. Assim, nesse contexto o setor segurador é obrigado a trabalhar em constante avaliação de novos riscos e adaptar os seus produtos as novas exigências da vida das pessoas ou a atividade das empresas.



ANA DUARTE
Diretora-Geral
UN Lisboa da F. REGO

O setor segurador atravessa, indubitavelmente, um período altamente desafiante, face a um conjunto de alterações estruturais e circunstanciais que se registam a nível nacional e internacional. Após várias décadas de relativa estabilidade social e política, a Europa enfrenta, hoje, um conflito armado sem aparentes perspetivas de resolução. Uma Guerra que se traduz no aumento exponencial dos riscos geopolíticos para as regiões de proximidade, mas igualmente para as operações comerciais e logísticas de mercados mais distantes, nos quais se inclui o nosso país. Paralelamente, os impactos das alterações climáticas fazem sentir-se de forma cada vez mais devastadora, tendo os prejuízos do setor segurador por meio destes fenómenos atingido máximos históricos no passado ano. Existe uma evidente e urgente necessidade de adaptação das coberturas a esta nova realidade, de modo a assegurar soluções sustentáveis para uma problemática que, certamente, manter-se-á no topo das ameaças nas próximas décadas. Igualmente preocupante é o envelhecimento da população que, muitas vezes isolada e solitária, carece de cuidados primários, mas acima de tudo de uma proteção específica à qual muitas vezes não tem acesso por via das coberturas asseguradas pelos produtos convencionais de seguro de Saúde.



MÁRIO VINHAS
COO
da MDS Portugal

Uma sociedade mais protegida significa um país mais sustentável e saudável, sobretudo num contexto em que os riscos são cada vez diversificados. Os riscos geopolíticos, as alterações climáticas e o envelhecimento da população têm um denominador comum que se chama sustentabilidade, ou seja, os seus impactos podem colocar em causa a vida das pessoas, das empresas e da sociedade. Por tudo isto, torna-se imperioso que cada país desenhe uma estratégia integrada para melhorar a consciência da necessidade de implementar políticas adequadas de gestão destes riscos, devendo envolver todos os stakeholders, nomeadamente reguladores, seguradores, resseguradores, mediadores, legisladores, clientes e órgãos governativos. Este trabalho conjunto deve focar-se em três grandes dimensões. Primeiro, a Educação. Será necessário desenvolver ações para combater a iliteracia financeira e de gestão de risco, pois uma sociedade informada pode preparar-se melhor para os riscos. Depois, a Investigação & Tecnologia. Hoje, com base na tecnologia, é possível desenhar soluções cada vez mais personalizadas ao perfil de risco de cada pessoa e empresa, melhorando a proteção contra os riscos existentes e introduzir modelos preditivos. Por fim, o Serviço. As pessoas e as empresas têm de ter ajuda de entidades especializadas sobre o que fazer, por exemplo, num ataque cibernético ou como preparar o seu futuro identificando os impactos nas suas vidas e modelos de negócio decorrentes das tensões geopolíticas e das alterações climáticas. Por isso, o setor continuará a desempenhar um papel fundamental no sucesso da gestão e mitigação dos riscos com que o mundo se confronta diariamente.



PAULO MORAIS
Diretor Regional de Portugal
e Brasil na Crédito Y Caution

É expectável esperar que haja um aprofundar do processo de transformação digital, com o desenvolvimento de sistemas sofisticados que permitam maximizar a análise de grandes volumes de dados, de modo a apoiar as empresas na tomada de decisões que assentem em informação precisa e em tempo real. Essa maximização da capacidade analítica aplicada à gestão de crédito far-se-á através da utilização da Inteligência Artificial e de tecnologias de

Machine Learning. O objetivo é ajudar os clientes a expandir as suas atividades comerciais com sucesso, num contexto globalizado que tende a ser cada vez mais complexo e intrincado, com novas variáveis e riscos a considerar, como as alterações climáticas e os seus impactos crescentes. A eficácia do seguro de crédito assenta da qualidade e fiabilidade da informação sobre a qual assentam as decisões e este é o terreno no qual as evoluções tecnológicas estão a trazer grandes mais-valias e o terreno no qual iremos ver surgir mais soluções inovadoras. A par disso será de esperar uma progressiva e crescente desmaterialização de processos com ganhos de rapidez e fiabilidade. O seguro de crédito é uma ferramenta imprescindível para as empresas na gestão do seu crédito. Não obstante, o seu sucesso depende também da capacidade dos principais players do setor de anteciparem tendências e de se ajustarem às evoluções e mudanças da sociedade, seja na forma como as relações comerciais se constroem ou nos meios e suportes que se utilizam. A qualidade das relações humanas tem sido um fator determinante nos negócios, mas as gerações mais jovens parecem prescindir dessa abordagem e apostar em processos eficiente e impessoais de obter a informação, o produto ou o serviço de que necessitam. Como equacionar esta desumanização das relações é também um desafio que exigirá soluções inovadoras.



OSCAR HERENCIA
Vice-Presidente do Sul da Europa e
Diretor Geral da MetLife Iberia

No caso do ramo Vida, os maiores desafios estão relacionados com os riscos mais imediatos para a economia, mais concretamente, aqueles que afetam o rendimento das famílias. Neste momento, o contexto geopolítico é o que apresenta maior complexidade e incerteza. A situação na Ucrânia está a colocar alguma pressão sobre o processo de retoma das economias, ao mesmo tempo que a subida da inflação está a prejudicar o poder de compra das famílias. Apesar deste enquadramento, as famílias continuam a sentir a necessidade de se proteger financeiramente e as seguradoras terão de estar preparadas para dar respostas mais flexíveis, abrangentes e com maior valor acrescentado. Vale a pena referir que o tema da longevidade é um fator que já está incorporado nas análises de risco e não supõe um desafio acrescido.